

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 91

Novembro de 1974

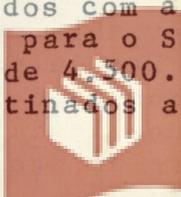
Ano X

DE RROTA DO REGIME

Nada melhor para definir o fracasso dos generais fascistas no pleito de 15 de novembro do que a velha expressão do glossário popular - o tiro saiu pela culatra. Cuidadosamente, os detentores do Poder montaram a farsa da renovação do Senado, Câmara Federal e Assembléias Estaduais, pensando embaixar a opinião pública e reforçar o regime. Utilizaram artimanhas diversas visando a consagrar nas urnas os nomes de conhecidos reacionários, seus candidatos a pretensos órgãos legislativos. Estavam certos da vitória. O eleitorado, porém, não se deixou engazopar. Respondeu à farsa com um protesto veemente que reflete seu profundo inconformismo com a situação do país, cada dia pior, sob a nefasta direção dos militares.

Ao invés da tranquila vitória que esperava, o governo de Geisel foi surpreendido com um rotundo revés e o regime experimentou indisfarçável abalo. Os candidatos da ARENA ao Senado sofreram fragorosa derrota em quase todos os Estados. Somente em uns poucos e de menor expressão político-econômica - Mato Grosso, Piauí, Maranhão, Alagoas, Pará e Bahia - conseguiram a duras penas suplantarem os adversários. O candidato do MDB em São Paulo teve três milhões de votos a mais que o representante do situacionismo, enquanto na Guanabara a diferença aproximou-se de 700 mil. Apenas 34% do eleitorado gaúcho apoiou o nome apontado pelo partido governista e, em Minas Gerais, a situação não foi muito diferente. Em vários dos mais importantes Estados - como São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul - a ARENA passou de maioria compacta a minoria pouco expressiva nas Assembléias Legislativas.

Não é a primeira vez que o governo militar sai derrotado em suas farsas eleitorais. Neste último decênio, os eleitores manifestaram hostilidade à ditadura ora derrotando seus prepostos, como ocorreu em 1965 na Guanabara e em Minas Gerais, ora votando em branco, anulando o voto ou abstendo-se de comparecer às urnas. Agora, adotaram outra forma de expressar sua repulsa: a maior parte decidiu-se pelo voto de protesto. O conteúdo de sua ação, porém, permaneceu o mesmo. Ainda que certos candidatos do MDB, por sua combatividade e formação democrática, tivessem contado com respaldo popular, a verdade é que a massa principal dos eleitores, desvinculada do partidarismo, votou contra o regime dos generais. Sufragou nomes desconhecidos que mal haviam despontado - numa campanha acanhada realizada em dois ou três meses. Os nomes não tinham maior importância. Seu propósito era desbancar os Carvalho Pinto, os Paulo Torres, os João Cleófas, os Nestor Jost, os Djalma Marinho, todos os sabujos da reação e, através deles, golpear o bando de entreguistas e assassinos que há dez anos usurparam o Poder. O protesto se expressou também numa significativa parcela de abstenção, votos nulos e em branco. Somente em São Paulo, num total de cerca de oito milhões de eleitores, os votos em branco e nulos para a Câmara Federal, por exemplo, somados com a abstenção, atingiram a cifra de 2 milhões 582 mil. Em Minas Gerais, para o Senado, esse cômputo beirou a casa do milhão e meio, num eleitorado de 4.500.000. É sintomático que grande parte dos votos aí anulados fossem destinados a Tiradentes, o proto-mártir da



Continuação da página 1

Independência. No Maranhão, onde não houve candidato do MDB ao Senado, a percentagem chegou perto dos 70%.

A presente derrota política do Sistema, no entanto, foi mais séria e contundente que as anteriores. Tornou-se claro, insofismavelmente claro, que a ditadura se mantém contra a vontade expressa da imensa maioria da nação. O badalado prestígio do governo castrense caiu mais baixo que o chão. Basta de regime militar-fascista! Este o verdadeiro significado das urnas. E tal reclamação partiu não apenas dos centros urbanos. Veio igualmente e com muita força do interior, antigo reduto dos conservadores, até mesmo de zonas da pecuária e da grande produção agrícola. Os generais estão cada vez mais isolados e encurralados pelo ódio do povo. Toda uma década, semearam a tirania e traficaram com os interesses nacionais. Agora colhem a tempestade da reprovação geral, encontram-se diante de um repúdio maciço da população.

Porta-vozes oficiais e officiosos, adesistas e oportunistas de diferentes quilates esforçam-se para justificar o sucedido, tentando jogar areia nos olhos das pessoas simples. Segundo eles, o malogro deve ser atribuído a Médici, ou aos governadores em fim de mandato, ou simplesmente à ARENA. As causas procederiam da conjuntura desfavorável. Alguns mais afoitos chegam ao cúmulo de falar em vitória da "revolução de 64". E todos, em uníssono, tecem loas a Geisel que se teria comportado como magistrado e permitido eleições livres...

É preciso muito cinismo ou estar completamente desligado da realidade para enunciar semelhantes sandices. Por mais voltas que se dê ao raciocínio na apreciação do resultado do pleito, ele conduz invariavelmente à constatação do desastre político sofrido pelos governantes. E não se trata de mero insucesso eleitoral ou conjuntural, mas de grave derrota do governo e do Sistema em seu conjunto. E mais: tampouco se pode falar numa vitória da oposição consentida. Vitória houve, mas da luta do povo brasileiro contra a ditadura. Milhões de pessoas foram às urnas com o único objetivo de lavar seu protesto face à situação atual. Admitir eleições livres no Brasil de hoje, se não for ironia, é completa idiotice. O país vive sob um regime despótico. De que liberdade se poderia falar, quando a imprensa estava (e está) sob censura, o "judiciário" cassava mandatos parlamentares, a propaganda dos candidatos sob fria estrito controle na televisão; quando governadores designados ameaçavam com represálias os que não rezassem pela sua cartilha? Eleições livres... onde não existe liberdade de manifestação do pensamento, direito de reunião de organização partidária, onde milhares de brasileiros estão impedidos de concorrer a postos representativos e o cidadão pode ser preso, torturado e até mesmo assassinado por discordar dos rumos que os generais imprimem ao país? Geisel portou-se como ditador, e não como magistrado. Basta ver sua interferência indébita, aberta ou através de seus apaniguados, na campanha eleitoral. É suficiente ler seu destampatório de 29 de agosto brandindo as leis de segurança contra os opositores. De certo ele acreditava que os resultados seriam outros, esperava que a farsa funcionasse sem maiores conseqüências e por isso não recorreu a meios mais extremos.

Também a cúpula do MDB não se cansa de aplaudir o ditador. A votação que o partido recolheu é nitidamente contrária ao regime, mas os dirigentes da oposição consentida estão ansiosos por realizar uma manobra do acoplamento com a nave governamental. Oferecem seus préstimos e sua colaboração a cada instante, empenham-se em desfazer quaisquer rumores sobre firmeza política em relação a mudanças na ordem vigente. Colocam-se na ridícula posição de quem deseja não leve a mal o governo os milhões de sufrágios computados na legenda emedebista; A tal ponto que o senador recém-eleito Marcos Freire se viu obrigado a dizer que é preciso acabar com essa mania de pedir desculpas aos governantes pela vitória alcançada.

O pleito de 15 de novembro constitui um episódio da luta do povo brasileiro contra a opressão. Não se pode esperar do resultado eleitoral modificações de importância no quadro da situação, até porque a ARENA continua predominando nos chamados órgãos legislativos que, de resto, não têm nenhuma força. O poder real encontra-se em mãos dos militares. Por sua vez, a oposi-

Continuação da página 2

ção de setores das classes dominantes, ainda que possa desempenhar certo papel no combate ao despotismo, é inconsequente e se orienta para o compromisso e a conciliação. Sem dúvida, o protesto manifestado nas urnas teve enorme valor político e produzirá seus frutos. A ditadura foi abalada. Protestando, o povo exigiu o fim do fascismo. Mas os generais continuam decididos a sustentar o monstro que criaram. Tramam novas medidas para contrastar a vontade popular. Os setores tidos como "radicais" organizam esquemas terroristas e entram em desespero. Acirram-se as disputas entre camarilhas militares. Elas, porém, estão bastante desgastadas. E os problemas que causaram sua falência eleitoral vão-se agravar ainda mais.

Impõe-se unir amplas forças e desenvolver em todos os sentidos a frente de resistência ao fascismo, levar adiante de maneira independente o combate sem tréguas à ditadura até a sua derrubada. As condições são favoráveis. O próprio êxito na contestação da farsa serve de estímulo ao impulso e ao desenvolvimento das lutas em diversas camadas da população.

Os tiranos cambaleiam, a liberdade triunfará.

VIVA A ALBÂNIA SOCIALISTA! (Continuação da página 4)

Arrejar-se do jugo do imperialismo norte-americano e da atual ditadura militar-fascista. Os comunistas brasileiros estudam as ricas experiências de seus camaradas albaneses, deles extraíndo as lições que melhor correspondem aos interesses da revolução no Brasil. Empenham-se em manter e fortalecer os laços de fraternidade que entre eles se estabeleceram na luta comum contra o imperialismo, o social-imperialismo soviético, o revisionismo contemporâneo e a reação internacional, em defesa do marxismo-leninismo e da unidade dos revolucionários proletários de todos os Continentes.

Ao comemorar-se o 30º aniversário de tão relevantes e históricas conquistas do povo albanês, os comunistas do Brasil fazem ardentes votos para que se multipliquem os êxitos obtidos, se reforce o regime socialista na Pátria de Enver Hodja, se projete ainda mais longe o prestígio desse admirável país.

Renovamos aos queridos camaradas o penhor de nossa indestrutível e eterna amizade.

Viva o 30º aniversário do triunfo da revolução popular!
Viva a Albânia Socialista!

Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1974

O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

VIDA DIFÍCIL DO POVO MINEIRO (Continuação da página 10)

te entre as camadas populares mais pobres, o grau de organização das massas é muito baixo. Basta ver que na GBH o número de operários sindicalizados não chega a 10 mil. E no ambiente de falta de liberdade, o problema da organização do proletariado e do povo torna-se ainda mais difícil. Levando em conta essa realidade e tendo em vista a luta pelo desmascaramento da política de Geisel que intenta institucionalizar o regime fascista dos generais, os comunistas esforçam-se em Minas Gerais por ampliar sua ligação com as massas, mobilizá-las e organizá-las, empregando métodos corretos, a fim de acumular forças para fazer progredir a luta revolucionária.

"O proletariado e o povo brasileiro precisam de um partido de ação política, um partido para uma época de choques abertos com a reação, de luta pela derrubada da ditadura e da dominação imperialista. Este partido é o Partido Comunista do Brasil, organização que precisa, todos os dias e todas as horas, preocupar-se com a revolução e seja capaz de colocar-se à frente do povo para livrar o país da peste militarista, da ditadura sanguinária e da vergonhosa opressão."

VIVA A ALBÂNIA SOCIALISTA

(Mensagem enviada pelo Comitê Central do Partido Comunista do Brasil ao Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia por motivo da passagem do 30º aniversário da libertação da Albânia e do surgimento da República Popular).

Ao Comitê Central do PARTIDO DO TRABALHO DA ALBÂNIA
Ao camarada Enver Hodja

Prezados camaradas

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, em nome dos revolucionários brasileiros, saúda fraternal e jubilosamente os comunistas e o heróico povo albanês pelo transcurso do 30º aniversário da libertação de sua Pátria e do nascimento da República Popular da Albânia.

Na longa história de seu país, a data de 29 de novembro de 1944 marca um triunfo memorável. Os inenarráveis sacrifícios e o sangue derramado na guerra patriótica foram compensados com a derrota e expulsão dos cruéis ocupantes nazi-fascistas e com a destruição do velho regime dos latifundiários e da burguesia. Estabeleceu-se o Poder popular através do qual as massas se assenhorearam do seu próprio destino. Abriu-se pela primeira vez e de forma efetiva o caminho para liquidar o passado de atraso, sofrimentos e humilhações, para construir a sociedade socialista. À frente do novo Estado colocou-se o intrépido partido dos comunistas, o Partido do Trabalho, dirigido pelo grande marxista-leninista Enver Hodja, que unificara solidamente as forças populares e patrióticas sob a bandeira da libertação e das transformações revolucionárias.

No decorrer das três décadas desde o advento da ditadura do proletariado, a Albânia obteve notáveis vitórias em todos os aspectos de sua atividade econômica, política e social. Não obstante os grandes obstáculos que se opuseram ao seu avanço, venceu todas as dificuldades e converteu-se, num prazo relativamente breve, em nação próspera, culta e civilizada. Seguindo firmemente a linha marxista-leninista do Partido do Trabalho da Albânia e baseando-se principalmente em suas próprias forças, embora contando com a solidariedade dos povos irmãos, os albaneses uniram-se com entusiasmo para erigir o regime revolucionário que aboliu para sempre a exploração do homem pelo homem. Em consequência, impera na Albânia Socialista o trabalho como fundamento da existência e do bem-estar ininterrupto dos operários, dos camponeses cooperativistas e dos intelectuais. As mulheres tiveram sua missão social assegurada e dignificada. Os trabalhadores passaram a exercer o controle da máquina do Estado. Erguendo bem alto o lema da fraternidade entre as nações, a Albânia tornou-se uma cidadela amiga e segura da causa do proletariado e dos povos oprimidos.

Com o socialismo modificou-se radicalmente a feição material, moral e espiritual do povo da Albânia. Mas os comunistas não se satisfazem com os sucessos alcançados. Tratam de aprofundar a revolução; não cessam o combate aos restos nocivos do passado morto; advertem constantemente as massas populares dos perigos que ainda pairam sobre sua liberdade e sobre a paz no mundo; mobilizam intensamente a população laboriosa tendo em vista aprimorar a democracia socialista que alcançou elevada expressão nas recentes eleições para a Assembléia Nacional Popular; forjam a consciência do novo homem; consolidam a ditadura do proletariado; realizam uma política externa coerente e de princípios, reforçando sua amizade com inúmeras nações, sobretudo com a grande China Popular; denunciam as maquinações agressivas e hegemônicas dos Estados Unidos e da União Soviética, as duas superpotências que, apesar de disputarem a hegemonia mundial, se concluíam para impor sua dominação contra revolucionária em toda a parte.

O povo brasileiro tem, a cada dia, maior estima e admiração pelo pequeno e destemido país do Adriático, por sua posição decidida em favor da independência nacional e da paz entre os povos. Manifesta-lhe simpatia e apoio. Mira-se no exemplo dos homens simples e valerosos da Albânia para também li-

A TRAIÇÃO DOS REVISIONISTAS SOVIÉTICOS

A 7 de novembro transcorreu o 57º aniversário da Revolução Socialista na Rússia e da fundação do Estado Soviético de operários e camponeses. Essa data assinala o início de uma nova era na história - a das revoluções proletárias e da vitória do socialismo em escala mundial.

O triunfo da Revolução Soviética, o esmagamento das tentativas contra - revolucionárias internas e externas, os êxitos na construção da nova sociedade com ritmos acelerados de crescimento da indústria e com a coletivização da agricultura, a grande vitória na guerra patriótica contra o nazi-fascismo e outras conquistas, deram imenso prestígio à URSS, salientaram seu papel de vanguarda da Humanidade progressista, comprovaram a superioridade do socialismo sobre o capitalismo. Tendo a grande nação socialista como seu baluarte, os povos desfecharam demolidores golpes no caduco sistema do imperialismo, fizeram avançar a luta libertadora, constituíram um poderoso campo de forças socialistas e democráticas. Estes acontecimentos permanecem vivos, jamais serão olvidados. Resultaram, em grande parte, de façanhas imortais do proletariado e dos povos soviéticos e de seu partido, o glorioso partido bolchevique, suscitaram fundadas esperanças, demonstraram a força e a unidade do movimento comunista, a justeza do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário. Com toda a razão, os nomes de Lênin e Stálin engrandeceram-se como símbolos da invencível causa dos explorados e oprimidos do mundo inteiro. Estudar e seguir o caminho de Outubro, compreender e aplicar às condições concretas de cada país a tática do bolchevismo - modelo para todos - tornaram-se questões vitais para os verdadeiros revolucionários.

Entretanto, após a morte de Stálin e em seguida ao XX Congresso do PCUS, em 1956, apareceram nítidos sintomas e fatos reveladores de que os novos dirigentes soviéticos haviam abandonado os postulados socialistas e a luta revolucionária, conduziam a União Soviética pelo caminho de volta ao capitalismo e a convertiam numa superpotência social-imperialista que, juntamente com os Estados Unidos, tenta impor sua hegemonia ao mundo.

Por conseguinte, os marxistas-leninistas emprestam hoje ao 7 de novembro uma outra significação. Tratam agora de analisar a experiência negativa da URSS, prevenir a usurpação da direção do Partido e do Estado por conspiradores, denunciar o regime revisionista soviético e unir as forças progressistas e os povos dos diferentes países para se oporem ao hegemonismo da União - soviética e dos Estados Unidos.

O desmascaramento da traição dos revisionistas soviéticos alcançou amplo sucesso. Embora o balanço dos triunfos do marxismo-leninismo não tenha sido completamente realizado, a luta contra o revisionismo contemporâneo, sobretudo o soviético, bem como contra a política expansionista da URSS, atingiu grandes proporções. Ainda assim, existem os que nutrem dúvidas sobre a natureza do atual regime soviético, resistindo a acreditar que o glorioso país de Lênin e Stálin seja social-imperialista, isto é, socialista de palavras e imperialista de fato. Essas pessoas não conseguem compreender porque é burguês um país onde os capitalistas não aparecem abertamente como proprietários de grandes empresas nem proclamam, como no Brasil dos generais, que o leit - motiv da produção é o lucro máximo para os empresários.

É preciso, porém, não se deixar enganar pela aparência das coisas. A política revisionista surgiu porque tinha uma base econômica determinada, burguesa. Ela reflete os interesses da nova burguesia da Rússia. Como pôde isto acontecer na União Soviética ?

O tema vem sendo objeto de cuidadosos estudos por parte dos marxistas - leninistas, das forças revolucionárias. Na base da experiência adquirida, a China Popular e a Albânia fizeram avançar o processo revolucionário para consolidar o regime socialista que instauraram. E diversos destacamentos proletários marxistas-leninistas que se formaram ou que romperam com o revisionismo, procuram atualmente desenvolver a teoria científica do proletariado contra a apostasia revisionista.

Mas a restauração do capitalismo na União Soviética, conquanto pudesse - ter sido evitada, não representou um fenômeno imprevisível. Ao contrário, sempre esteve nas preocupações de Lênin e de seus discípulos. Certa vez ele ali



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Continuação da página 5

mou: "A passagem do capitalismo ao comunismo abarca toda uma época histórica. Enquanto esta época não terminar, os exploradores, inelutavelmente, continuarão abrigando esperanças de restauração" ("Saudação aos Operários Húngaros" - 1919). O fundador do Estado Soviético também explicou, em 1920, no seu folheto "A Doença Infantil do 'Esquerdismo' no Comunismo", que "a ditadura do proletariado não é o fim da luta de classes e sim sua continuação sob novas formas". E agregou que a ditadura do proletariado é uma "luta tenaz, cruenta e incruenta, violenta e pacífica, militar e econômica, pedagógica e administrativa contra as forças e as tradições da velha sociedade". Lênin tinha em conta que as classes exploradoras continuavam existindo na nova situação e, em certo sentido, multiplicavam mesmo sua resistência. Esclarecia que, por trás dos capitalistas derrotados, se estendia a grande massa da pequena burguesia (os pequenos produtores de mercadorias), com seus hábitos e costumes difíceis de remover, que hesita constantemente entre a revolução e a reação. Num ambiente corruptor da pequena burguesia, com a revivescência de grupos privilegiados da intelectualidade e da burocracia e devido ao cerco do capitalismo internacional, que jamais cessou sua atividade de sapa para minar e destruir a ditadura do proletariado, foi que se formou a nova burguesia revisionista soviética.

Numerosos casos registrados pela imprensa da URSS deixam entrever como a gem os novos capitalistas do país e de que maneira se processa a exploração da massa de trabalhadores. É certo que a imprensa revisionista apresenta tais casos como exceção e não como regra. Entretanto, a verdade é que a exceção reside apenas na sobrevivência de algumas conquistas do período socialista ainda não de todo liquidadas. Os camaradas albaneses e chineses têm demonstrado publicamente, e com pormenores, o elevadíssimo grau de degenerescência burguesa atingido pelo regime social revisionista soviético. E a respeito de sua prática na política internacional, as provas são abundantes.

A mudança foi de tal ordem que os inimigos do socialismo não escondem sua satisfação e fazem cálculos para o futuro contando com a União Soviética. Um deles, Sulzberger, dirigente do diário pseudo-liberal New York Times, dos Estados Unidos, afirmou há poucos dias que da época de Stálin à de Brezhnev - "processou-se extraordinária alteração". Se bem julgue que a convergência ideológica dos sistemas soviético e norte-americano só venha a acontecer dentro de uma geração, considera que "um número cada vez maior de intelectuais soviéticos admite a importância de se aceitar a tendência individualista da humanidade" para poder aumentar a produção industrial e a agrícola. (Naturalmente ele teve pudor de falar em lucro ou em favor de quem aumentaria a produção). Insistiu que houve substancial modificação quanto ao estilo. E acrescentou: "Há uma grande diferença entre os jovens de hoje, que ouvem nos seus gravadores música estrangeira... e os sombrios sobreviventes da terrível guerra anti-Hitler". Concluiu dizendo que, há 21 anos, era inconcebível a livre emigração de qualquer grupo de cidadãos do paraíso soviético, a realização de acordos comerciais que ferissem a autonomia econômica do país, o estabelecimento de negociações intrincadas sobre armamentos e um modus-vivendi com os Estados Unidos.

Essa modificação, porém, decorreu de fenômenos negativos de origem interna e externa. À medida que os mesmos se avolumavam, contribuía para envenenar e corromper a atmosfera em que se construía a sociedade socialista e terminaram por constituir, com elementos degenerados das organizações econômicas e estatais, e do próprio partido abastardado, a nova camada social privilegiada - a burguesia soviética. Esta, logicamente, deu nascimento, amamentou e sustentou a teoria e a política revisionistas. Seu porta-voz e dirigente mais típico foi N. Kruschov, que de há muito se infiltrara nas fileiras do Partido, galgando postos de responsabilidade. Ele e seus comparsas, tomaram de assalto a direção partidária e desencadearam, com as justificativas de superar o culto à personalidade de Stálin, de assegurar a democracia socialista e de desenvolver o marxismo-leninismo, uma vasta campanha em favor de "novos caminhos" para o socialismo. Advogaram a competição pacífica e a colaboração com os Estados Unidos, adulteraram o sentido leninista da coexistência pacífica. O destino da Humanidade dependeria, segundo afirmavam, do "acordo" e da "confiança" entre os chefes das duas superpotências. Passaram a elogiar desbragadamente o modo de vida estadunidense e a solicitar empréstimos aos banqueiros ianques a fim de fomentar a economia soviética. Formaram um programa

Continuação da página 7

construção do comunismo para dentro de 20 anos, considerando que o socialismo já estava definitivamente vitorioso no país. Esse programa tornou-se alvo do motejo geral e ficou conhecido como o "comunismo do gulash, do modo de vida norte-americano e construído com dinheiro ianque". Em consonância com essas grosseiras teses, liquidaram o caráter de classe do Partido e do Estado, que denominaram de "Partido de todo o povo" e de "Estado de todo o povo". Pregando também a transição pacífica do capitalismo ao socialismo tentaram impor aos demais partidos o abandono da bandeira da luta de classes e a desmoralização das idéias revolucionárias do marxismo-leninismo. Investiram furiosamente e forjaram complôs contra os partidos que não quiseram obedecer a seu bastão de mando. Romperam acordos econômicos e políticos estabelecidos com a China Popular e a Albânia e chegaram a ponto de tramar contra a Independência e a soberania dessas duas nações socialistas. Enquanto puderam, agiram com arrogância e prepotência sem limites.

Isso tudo representou, sem dúvida, um grave prejuízo para o movimento operário e comunista mundial. Mas da mesma forma que a restauração aristocrática na França, após a revolução burguesa de 1789, não conteve o avanço do capitalismo, também o atual restabelecimento da burguesia na União Soviética não sustou nem sustará a marcha ascendente do socialismo no mundo. Temos todos os motivos para assegurar que a causa revolucionária continuará a florescer. Ao invés de se lamentarem, os comunistas tiram lições da degenerescência soviética. Aprendem que, antes e acima de tudo, devem resguardar o caráter de classe do Partido, a pureza dos princípios marxistas-leninistas e a fidelidade a eles, estar vigilantes contra os inimigos e combater o oportunismo e o revisionismo até o fim. A usurpação da direção do Partido por Kruschov e seus sequazes veio o provar de modo categórico que a infiltração de elementos de duas caras, de arrivistas e de corrompidos nas fileiras partidárias, sobretudo nos postos dirigentes, constitui o maior mal. Essa infiltração, ainda que momentânea, acarreta enormes perdas e fracassos para a revolução.

A camarilha kruschovista conseguiu converter o Partido de Lênin e Stálin num partido revisionista, fascista, e a antiga Pátria do socialismo numa potência chovinista, agressiva, ávida de expansão. Embora Kruschov, ainda em vida, tenha caído em desgraça por haver comprometido, com seus atos de bufão de opereta, a política da nova burguesia soviética, seus sucessores o deixaram longe em infâmias. Haja vista a invasão e a ocupação da Checoslováquia, em 1968, que dura até hoje, sob o pretexto de que os "países socialistas devem ter sua soberania limitada". - evidentemente em benefício da ilimitada soberania da superpotência social-imperialista.

As comemorações do último 7 de novembro na União Soviética deram ensejo a novas ameaças à China Popular e aos países que lutam em defesa de sua independência. Um pouco antes, nas proximidades da fronteira chinesa, na capital da Kirguízia, Kossiguin presidiu a uma exibição de poderio militar e lançou novas diatribes contra a China, principal alvo da propaganda belicosa do social-imperialismo. Por sua vez, o jornal "Pravda" declarava que o próximo encontro de Brezhnev com Gerald Ford, cabecilha do imperialismo norte-americano, "seria um passo significativo na direção de uma pacífica cooperação internacional".

A princípio não foi fácil aos comunistas brasileiros se persuadirem de que a política dos revisionistas soviéticos não provinha simplesmente de um erro nem resultava apenas de um desvio de direita. Os fatos nos convenceram de que era uma política contra-revolucionária que tinha causa social objetiva, interna, acrescida da capitulação diante das chantagens do imperialismo e do afã de dominar o mundo. Atendo-se à teoria da luta de classes e compreendendo que a política deriva da economia, é sua expressão e a ela serve, puderam avaliar ainda melhor a infame traição dos revisionistas contemporâneos. Entretanto, neste 7 de novembro, manifestam novamente sua plena confiança de que o proletariado do socialista soviético, fiel a suas magníficas tradições, cedo ou tarde fará prevalecer seus superiores interesses, reconquistará o Poder e colocará a URSS outra vez no luminoso caminho do socialismo e do comunismo, desfraldando o estandarte da igualdade e da fraternidade entre as nações.

OUÇA DIARIAMENTE

RÁDIO TIRANA: 31 e 42 metros - Das 20 às 21 horas e das 22 às 23 horas

RÁDIO PEQUIM: 25 e 42 metros - Das 19 às 20 horas
19,4 e 32 mts. - Das 21 às 22 horas

DOIS POEMAS DE "PRIMEIRAS CANTIGAS DO ARAGUAIA"
DA AUTORIA DO POETA LIBÉRIO DE CAMPOS

canto de amor aos guerrilheiros do araguaia

1.

não
nas vossas mãos
não tendes fuzis

tendes clarões
estrelas
pedaços de manhã

as vossas armas
são como archotes
combatendo a noite

e porque
acendeis o dia
nós vos amamos

2.

nós vos amamos
- que é preciso
o mais cedo madrugar

mas rompa-se
a distância
este nós-e-vós
que nos parte em dois:

não há distância
quando a noite é uma

quando sobre todos
pesa a mesma bruma

quando sobretudo
a ordem é lutar

aos nativos

Quisera ser cantador
de verso ardente e ligeiro
para contar, lutador -
flor do povo brasileiro,
tua luta e tua dor
no vão desse mundo inteiro

Quisera ser violeiro
violeiro do sertão
pra dizer ao povo inteiro
da terra seca e da praia
o teu valor, meu irmão

E dizer que tens na mão
o sol que afinal já raia,
madeireiro ou seringueiro
lavrador ou castanheiro,
guerrilheiro do Araguaia



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

VIDA DIFÍCIL DO POVO MINEIRO

(DO CORRESPONDENTE) - O Estado de Minas Gerais, atualmente com uns 13 milhões de habitantes, é o segundo em população do país. A maioria dessa população - exatamente 53% - vive na área rural. Os latifúndios abarcam mais de 80% da área das terras ocupadas embora constituam apenas 25% - do número de propriedades, ao passo que os minifúndios abrangem 15,5% da referida área e representam 73% do total das propriedades. Como resultado, 34,5% dos que residem no campo não encontram ocupação. E dos 2 milhões de pessoas - que se calcula formarem aí a força de trabalho, um milhão não recebe qualquer tipo de salário em dinheiro. Parcela considerável dos camponeses pratica a agricultura de subsistência.

De maneira geral, a população mineira, tanto urbana como rural, sofre as conseqüências da crise econômica em que está envolvida toda a nação, agravadas pelos males oriundos da arcaica estrutura social subsistente. Escassez de alguns produtos, alta desenfreada do custo de vida, significativa queda de seu poder de compra, êxodo constante da gente do interior para as cidades - são aspectos das vicissitudes que afligem o povo de Minas. O desemprego e a fome se alastram. Em Belo Horizonte, no ano de 1971, o índice de mortalidade infantil aumentou de 21,3% em relação a 1970. A causa principal foi a desnutrição. 386 municípios não têm nenhum médico. E mais de 130 desses municípios não contam com escolas.

As massas trabalhadoras e outras camadas sociais depauperadas com difíceis condições de vida. Os operários industriais (cerca de 35 mil na Grande Belo Horizonte) vêm acentuar-se o grau de exploração a que estão submetidos. Enquanto o valor da produção industrial, em 1972, crescia de 33%, o aumento nos efetivos da mão-de-obra ocupada foi de apenas 3,5%. A imensa maioria do proletariado ganha o salário-mínimo. É obrigada por isso a fazer horas-extras diariamente. E estas não ficam limitadas às duas horas permitidas por lei. Em várias fábricas, numa sutil manobra, os capitalistas fizeram constar do contrato de trabalho a obrigatoriedade das duas horas-extras "desde que a firma necessite". A exploração atinge tal nível que os operários utilizam excitante (coca-cola com café ou melhoral) para dar conta do serviço extraordinário. Além disso, os patrões exercem várias formas de pressão contra o operariado para evitar aumentos salariais e obter a elevação da produtividade. Algumas empresas estabeleceram o sistema de turnos alternados. Isto significa um desgaste físico muito grande para o trabalhador. A cada semana ele precisa modificar radicalmente seu ritmo de vida. Com a alteração do turno, muda, em conseqüência, seu horário de dormir, de despertar, de comer. Dessa forma, o repouso fica transtornado por completo.

As condições de trabalho continuam péssimas, em especial nas usinas metalúrgicas. Este o motivo dos crescentes pedidos de demissão na Belgo Mineira, por exemplo. Na construção civil, essas condições são ainda mais precárias. Os trabalhadores não têm equipamentos de segurança para enfrentar os riscos constantes. Some-se a isto, os salários baixos e a falta de registro na Carteira Profissional e, por conseguinte, na Previdência Social.

Para intensificar a exploração da classe operária, as indústrias da GBH aprimoraram técnicas de engodo. Afora os clubes recreativos, os churrascos como prêmio de produção e outros artifícios, as empresas procuram desenvolver os chamados métodos psicológicos para amaciar a resistência dos trabalhadores. Não obstante, o descontentamento cresce.

Uma das principais características dessa exploração é o crescimento da utilização da mão-de-obra feminina e da do menor, nas fábricas. Em alguns casos, essa mão-de-obra é empregada até para o trabalho noturno.

No comércio e empresas de serviços, também predominam a baixa remuneração, o alargamento do horário de trabalho, a inexistência do dia de folga remunerada. Nas casas comerciais é normal os empregados receberem 200 cruzeiros mensais e assinarem recibos de CR\$ 312,00, conforme denúncia do sindicato da categoria. Quanto aos bancários são submetidos a empregos provisórios, per

Continuação da página 9

dendo com isso a escassa proteção conferida pela Consolidação das Leis do Trabalho. Os banqueiros recusam-lhes o pagamento das horas-extras, negam-lhes férias vencidas e deles exigem trabalho aos sábados e domingos.

Se verificarmos a situação dos funcionários públicos e dos professores primários constataremos que pioram dia a dia seus padrões de existência. 40% do funcionalismo do Estado ganha menos que o salário-mínimo oficial. E as professoras ligadas ao setor público recebem ordenados entre 200 e 200 cruzeiros mensais.

Outro grave problema é o da educação. A gratuidade do ensino de 1º grau foi abolida. As taxas sofreram majorações de mais de 100% para o 2º grau bem como para o curso superior. Elevou-se abusivamente o custo dos materiais didáticos. A qualidade da instrução ministrada é péssima e aumentam as restrições de todo tipo às atividades estudantis, de que é exemplo o famigerado decreto 477.

Por isso, desenvolve-se entre o povo um estado de espírito de insatisfação, que se observa não só em manifestações individuais. Tal como em passado recente, quando o inconformismo do proletariado levou a greves importantes, volta a fermentar o mesmo sentimento que já se traduz em algumas ações. Em princípios do ano houve uma queda na produção de certas fábricas como a Magnésita (3.000 operários), Maferda e RCA (1.000 cada) devido à resistência proletária. Avolumou-se o número de reclamações à Justiça do Trabalho. Começam a formar-se grupos de trabalhadores que se dirigem à administração das empresas fabris com o propósito de reivindicar aumentos de salários.

As massas populares também passam a agir em conjunto para pressionar as autoridades em face da falta de gêneros, da absurda elevação dos preços por vários outros motivos. Tem havido mandados judiciais e está se desenvolvendo uma campanha de imprensa contra a majoração da taxa de água. Trezentas pessoas que aguardavam na fila de um açougue, invadiram-no e levaram a carne lá existente. Em junho p. pdo, professoras públicas do ensino primário iniciaram um movimento pela valorização do magistério e por melhores vencimentos. Realizaram em Juiz de Fora uma assembléia que reuniu mil e duzentas moças e contou com o apoio de diversos setores sociais.

Os estudantes têm conseguido significativas vitórias. A Escola de Veterinária, no início do ano letivo, realizou uma assembléia com mais de 500 alunos para resolver a questão do restaurante da faculdade. Um Diretório Central de Estudantes que há dois anos estava nas mãos da reação policial agora se acha sob a direção de elementos democráticos, os quais venceram as eleições com uma diferença de dois mil votos. No período da escolha de seus representantes, algumas escolas superiores debateram intensamente seus problemas, sustentando o lema: Pela Prática da Liberdade! Amplia-se a imprensa estudantil que, por diversas formas, procura resistir à censura.

Em defesa da cultura e por uma arte integrada no momento atual, alguns intelectuais vêm montando peças teatrais e organizando programas musicais.

A oposição popular, embora dispersa, trata de desenvolver campanhas antifascistas e antiimperialistas, sobretudo contra o terror fascista e a repressão policial, contra a carestia de vida, o arrocho salarial e a alta dos impostos, pela revogação do AI-5, pelos direitos democráticos e em defesa das riquezas do país. Nas últimas eleições, as forças mais combativas dessa oposição lançaram - para combater a farsa eleitoral da ditadura e elevar a consciência do eleitorado e do povo - a palavra-de-ordem do voto nulo. Concitaram os eleitores a votar em TIRADENTES, por LIBERDADE AINDA QUE TARDE e por ELEIÇÕES LIVRES E REPRESENTATIVAS! Essa campanha teve repercussão e expressivo apoio. A própria oposição burguesa vem crescendo e já organiza denúncias contra as concessões que o governo de Rondon Pacheco, na mesma linha da ditadura, vem fazendo ao capital imperialista. Um órgão de imprensa de Belo Horizonte tem verberado a exploração indiscriminada dos recursos naturais do Estado por parte dos referidos monopólios estrangeiros.

Embora se venha elevando o nível de consciência política, principalmen-

AGRAVAM-SE AS CONTRADIÇÕES NO CAMPO

O interesse do governo atual pela agricultura é patente. PROAGRO, POLAMAZONIA, POLONORDESTE e outros planos e programas se sucedem, tendo em vista concentrar recursos e esforços no setor agro-pecuário. Geisel procura apoiar-se na produção agrícola para enfrentar os crescentes deficits no balanço de pagamentos do país e os demais efeitos da crise econômica e financeira mundial que começam a pesar na economia dependente do Brasil.

O raciocínio dos governantes é simples, para não chamá-lo de simplório. A fim de cobrir os deficits da balança comercial consideram indispensável aumentar as exportações. Como estão convencidos de que, nas atuais condições do mundo, onde se multiplicam as medidas protecionistas, somente a exportação de alimentos e matérias-primas agrícolas pode ter sucesso (devido à suposta escassez mundial desses produtos), concluem que o Brasil deve realizar todos os esforços para aumentar sua produção agro-pecuária. Mas, como tal meta só será alcançada através de modificações na estrutura agrária, tentam implantar em todo o território nacional a chamada grande empresa rural. Deste modo, os programas governamentais dão ênfase, clara e categoricamente, à instalação das grandes empresas agro-pecuárias e ao incremento de sua produção.

Não é de hoje que esta política vem sendo levada a efeito. Desde que foi instaurada, a ditadura militar incentivou a penetração desse tipo de companhias agrícolas, concedendo-lhes incentivos fiscais, empréstimos e financiamentos bancários e proteção policial-militar. Entretanto, nunca como agora, premido pelas circunstâncias, o regime dos generais foi tão explícito quanto aos verdadeiros objetivos de sua política agrária. Obrigado a contar com o pronto apoio dos latifundiários - sempre refratários às táticas de engodo utilizadas para mistificar as massas camponesas em virtude dos perigos potenciais que apresentam - Geisel viu-se na contingência de despojar aquela política de seus principais aspectos demagógicos. Programas como o da colonização amazônica, PROTERRA e outros são desnudados e apresentados com sua verdadeira feição: instrumentos para enriquecer os latifundiários e facilitar sua associação com os monopólios capitalistas brasileiros e os estrangeiros nas grandes empresas rurais. As promessas de acesso à terra, ajuda técnica e financeira - aos pequenos lavradores não passavam de mentiras para enganar os camponeses e manter suas lutas.

A implantação das grandes companhias agrícolas foi particularmente acelerada nos últimos anos e trouxe transformações de certo vulto na estrutura agrária. O grau e a profundidade dessas transformações ainda estão por ser estudadas, visto que a própria ditadura não fornece estatísticas precisas a respeito. Sabe-se, porém, que dez milhões, dos 15 milhões de hectares do estado do Acre, estão ocupados por vastos empreendimentos agro-pecuários. O mesmo processo ocorre em Rondônia e diversas áreas de Mato Grosso, Pará, Amazonas, Goiás, Amapá e Maranhão. No sul do país, em especial em São Paulo e no Paraná, a extensão das modificações introduzidas no campo pode ser medida pela multiplicação do número de lavradores expulsos das terras em que moravam e trabalhavam para a periferia das cidades onde se transformam em "bóias-fritas". No Nordeste, enquanto a população cresceu em cerca de 35% entre 1960 e 1970, o número de pessoas ocupadas em estabelecimentos menores de 10 hectares cresceu em 45% e a área total desses estabelecimentos diminuiu ainda mais. Este processo de desagregação e pauperização do campesinato está intimamente relacionado com a implantação das empresas rurais de propriedade dos latifundiários, da grande burguesia brasileira e de grupos monopolistas estrangeiros.

Mas se por um lado a ditadura age em função dos interesses das classes dominantes, por outro ela é compelida a dedicar maior atenção ao campo em virtude do crescimento das contradições nas zonas agrícolas. Todas as medidas da ditadura - as passadas e as atuais, as de engodo e as "realistas" - em relação ao interior, aos camponeses e aos índios, têm como objetivo fundamental abrandar as tensões e desviar os camponeses da revolução.

Consideradas como tal, essas providências têm sido contraproducentes.

Continuação da página 11

tes. O Estatuto da Terra, por exemplo, em vez de desviar o campesinato da luta pela terra, levou-o a ter uma consciência mais nítida da injustiça do sistema do latifúndio bem como do direito que lhe assiste à posse da terra; os impostos taxados pelo IBRA (atual INCRA), se por uma parte aumentaram as cargas sobre os camponeses, inclusive sobre os parceiros e os arrendatários, por outra des- pertaram-nos para a luta por seus direitos, acentuando a necessidade de sua or- ganização em defesa de sua gleba e posses, pelo pagamento das taxas de arren- damento e parceria de acordo com a lei, pela indenização justa em caso de des- pejo. Os decretos demagógicos acerca das áreas prioritárias de reforma agrá- ria, de colonização da Amazônia e do PROTERRA, transformaram o problema da re- forma agrária em tema diário dos lares camponeses de todo o Brasil, legaliza- ram-no em certa medida. Os decretos que criaram as reservas indígenas acabaram se constituindo num poderoso instrumento de luta dos índios em defesa de suas terras e de sua vida. Contra a sua vontade, a ditadura acelera o desenvolvi- mento do movimento camponês.

As providências atuais terão efeitos ainda mais profundos. À medida que as massas camponesas conhecerem os verdadeiros objetivos do regime mili- tar e o sentido enganoso de suas promessas, a revolução agrária conduzida pe- las próprias massas camponesas estará mais do que nunca na ordem-do-dia. Mes- mo porque a transformação do sistema latifundiário num sistema capitalista - -monopolista de base latifundiária, só fará agravar os problemas do campo. O fato de representar uma "modernização em relação ao latifúndio tradicional" pela utilização, em maior escala, da técnica agrícola - na verdade mascara um reforçamento sem igual do monopólio, tanto do monopólio da propriedade do so- lo quanto do do mercado, e uma atividade predatória jamais vista contra a ter- ra e contra o homem.

Do mesmo modo que o imperialismo, ao penetrar nos países dependentes introduz elementos de progresso que disfarçam sua ação exploradora e espoliati- va (no fim das contas, o imperialismo representa um atraso ainda maior no de- senvolvimento e no bem-estar do povo) a penetração do capitalista monopolis- ta, nacional e estrangeiro, no campo do Brasil é profundamente contrária aos interesses das grandes massas camponesas, entrava o livre desenvolvimento do país. Alija o campesinato das decisões sobre seu destino, subordina a produ- ção agrícola e a técnica agrônômica brasileira aos interesses dos monopólios internacionais, marginaliza completamente os camponeses da vida econômica, con- duzindo-os a um pauperismo aviltante na periferia das cidades.

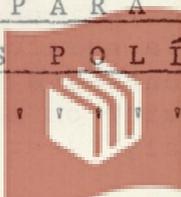
Um tal desenvolvimento da situação agrária só pode conduzir ao agra- vamento das contradições no campo. Enquanto se multiplicam os choques entre posseiros e prepostos dos latifundiários e das grandes companhias - cuja maior expressão é a resistência armada dos camponeses no sul do Pará, os índios au- mentam sua resistência contra as invasões de suas reservas pelos fazendeiros e se reúnem em conselhos para unir as diversas tribos na salvaguarda de seu - bem mais importante: a terra. No Nordeste, os camponeses exigem que o PROTERRA beneficie realmente aqueles que são trabalhadores rurais e não possuem terra, intensificam a luta contra as manobras dos latifundiários para aumentar as ta- xas de arrendamento e parceria e elevam sua organização objetivando a luta re- volucionária. Em todo o país, as massas camponesas sentem-se impelidas a re- solver em benefício da nação os problemas da agricultura brasileira.

Os comunistas têm um importante papel a cumprir na atual conjuntura agrária. Mais do que nunca precisam deslindar as transformações que estão o- correndo e determinar seu aspecto essencial. Ao mesmo tempo, precisam tradu- zir corretamente as principais aspirações das massas camponesas e dos índios pela posse da terra e contra as injustiças, sistematizá-las e generalizá-las, transformando-as num poderoso programa de luta camponesa.

LIBERDADE PARA JOSÉ DUARTE!

LIBERDADE PARA TODOS OS

PRESOS POLÍTICOS!



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois